

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE GESTÃO E NEGÓCIOS

ISABELA MESSIAS CALIXTO

**EMPREENDEDORISMO FEMININO: UM ESTUDO SOBRE AS MULHERES
PARTICIPANTES DO GRUPO MOEDA DE TROCA DE UBERLÂNDIA - MG**

UBERLÂNDIA

2022

ISABELA MESSIAS CALIXTO

**EMPREENDEDORISMO FEMININO: UM ESTUDO SOBRE AS MULHERES
PARTICIPANTES DO GRUPO MOEDA DE TROCA DE UBERLÂNDIA - MG**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Gestão e Negócios (FAGEN) da
Universidade Federal de Uberlândia (UFU) para
obtenção do Grau de Bacharel em Administração.
Orientação: Profª Drª Michelle de Castro Carrijo

RESUMO

A união do empreendedorismo à mão de obra feminina é fruto da evolução de mercados econômicos e de espaços socioculturais. Por se tratar de uma conjuntura tão dinâmica, mas que ainda possui camadas que reproduzem práticas e comportamentos segregacionistas, a pauta de empreendedorismo feminino precisa constantemente ser ponderada. O presente estudo foi realizado com fins de identificar as principais características, motivações e desafios de mulheres que embarcaram em uma jornada empreendedora. A pesquisa possui um caráter qualitativo de análise e coletou dados por meio de questionários aplicados de forma online à mulheres que fazem parte de um grupo de incentivo à atividade empreendedora, denominado Moeda de Troca, criado em Uberlândia, Minas Gerais. Os dados foram tabulados e interpretados sob à luz da teoria sobre o tema. Como resultado, o estudo constatou que a maior parte das mulheres possuem mais de 36 anos e possuem graduação e/ou pós-graduação. A busca por independência financeira, satisfação no trabalho e maior flexibilidade de horários foram alguns dos principais fatores que levaram estas mulheres à profissão. Além disso, foram mencionados aspectos como o preconceito, a falta de apoio de familiares e a sobrecarga de tarefas profissionais e domésticas como dificuldades que se fazem presente nas suas rotinas, evidenciando que, apesar do caminho para o empreendedorismo feminino estar mais facilitado atualmente, ainda há cobranças e discriminações da sociedade que obscurecem a jornada feminina empreendedora.

Palavras-chave: Empreendedorismo. Mulheres. Flexibilidade.

ABSTRACT

The union of entrepreneurship with female labor is the result of the evolution of economic markets and sociocultural spaces. Because it is such a dynamic conjuncture, but which still has layers that reproduce segregationist practices and behaviors, the female entrepreneurship agenda needs to be constantly pondered. The present study was carried out in order to identify the main motivations, challenges and characteristics of women who embarked on an entrepreneurial journey. The research has a qualitative character of analysis and collected data through questionnaires applied online to women who are part of a group to encourage entrepreneurial activity called Moeda de Troca, created in Uberlândia, Minas Gerais. The data were tabulated and interpreted in light of the theory on the subject. As a result, the study found that most women are over 36 years old and have an undergraduate and graduate level of education. The search for financial independence, job satisfaction and greater flexibility in working hours were some of the main factors that led these women to the profession. In addition, aspects such as prejudice, lack of support from family members and the overload of professional and domestic tasks were mentioned as difficulties that are present in their routines, showing that, despite the fact that the path to female entrepreneurship is currently easier, it is still there are demands and discrimination from society that obscure the entrepreneurial female journey.

Keywords: Entrepreneurship. Women. Flexibility.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 A EVOLUÇÃO DA MULHER NA SOCIEDADE	10
3 UM OLHAR APURADO SOBRE EMPREENDEDORISMO	16
4 EMPREENDEDORISMO FEMININO	21
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	25
6 RESULTADOS	27
6.1 Dados sobre o Perfil das Participantes	27
6.2 Dados sobre a Jornada Empreendedora das Participantes	31
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	38
APÊNDICE A	42

1 INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos, em meio a um terreno polarizador de oportunidades, as mulheres vêm ocupando novos espaços que a segregação por gênero não as contemplava. A criação de normativas legais trouxeram maior segurança e garantia de liberdade, mas, ainda assim, não foram suficientes para garantir a equiparidade de condições no mercado de trabalho.

Essa realidade, que é predominante em diversas regiões do mundo, tem levado muitas mulheres em uma busca desafiadora por autonomia, realização e independência financeira. O ramo de empreendedorismo, pautado por um leque de oportunidades para desenvolver um novo negócio, tem sido fortemente aderido pelo público feminino nos últimos anos (GEM, 2019). Tal fato evidencia uma necessidade de investigar a realidade das empreendedoras no mundo moderno, em que as disparidades no mercado de trabalho continuam evidenciando traços de uma sociedade conservadora, que ainda desconsidera o trabalho como caráter social e fundamental da vida de todos indivíduos.

Com base nessa contextualização, o presente estudo tem como objetivo investigar as principais motivações, desafios e características de mulheres que participam de um grupo de incentivo ao empreendedorismo feminino em Uberlândia-MG, chamado Moeda de Troca. Para tanto, optou-se por realizar uma pesquisa com abordagem qualitativa, em que os critérios de escolhas para coleta e tratamento de dados foram feitos com base em fenômenos e processos sociais, visto que o tema detém uma subjetividade que precisa ser considerada.

A coleta de dados foi feita aplicando um formulário online para mulheres empreendedoras participantes do Moeda de Troca. O tratamento do material foi realizado por meio de uma apresentação dos dados, seguida por interpretação e inferência com a teoria. Isso porque priorizou-se uma análise que fomentasse os debates existentes sobre o tema e que ainda trouxesse dados originais para buscar constatações que podem agregar a literatura existente.

A estrutura do trabalho foi moldada para englobar aspectos importantes da literatura que pudessem respaldar a interpretação dos resultados. Inicialmente, foi apresentada uma seção para contemplar aspectos históricos sobre a evolução da mulher na sociedade. A próxima seção abriu a pauta sobre empreendedorismo para apresentar seus conceitos fundamentais, que, posteriormente, desenlaçaram uma nova seção para serem associados à prática feminina do empreendedorismo.

Após o esteio teórico do trabalho, foram apresentadas as escolhas metodológicas que deram o caráter científico ao estudo. Posteriormente, foram apresentados os resultados e uma análise baseada na teoria sobre o tema. Com isso, o estudo contribuirá para que a evolução da mulher na sociedade continue acontecendo e não seja posta como algo que foi cessado no passado. A realidade das mulheres empreendedoras precisa ser, de fato, refletida e considerada como pauta necessária para os tempos hodiernos.

2 A EVOLUÇÃO DA MULHER NA SOCIEDADE

Por muito tempo, a mulher foi tratada como um ser a parte na sociedade: não podia estudar, trabalhar, votar, frequentar qualquer lugar, se vestir como queria, ou seja, era desprovida de inúmeros direitos. A história de suas conquistas aconteceu de forma evolutiva e gradual, marcada por uma negação da importância de discutir aspectos sobre a imposição de padrões e estigmatização dos sujeitos.

Essa trajetória de luta foi inserindo, ao longo do tempo, a mulher na sociedade como cidadã e, buscando aproximar seus direitos aos dos homens (GITAHY; MATOS, 2008). Entretanto, a consistência da ideia de que a mulher poderia ocupar espaços imagináveis por conservadores de um sistema patriarcal, e poderia atuar em distintos setores da economia, até hoje não garante uma efetiva paridade de condições de salário, tratamento e carreira (OLIVEIRA; DIB, 2020).

Para Julião e Dutra (2020), a ascensão das forças conservadoras diante da crise na sociedade do capital se opõe à classe trabalhadora, colocando os avanços relacionados com a diversidade de gênero no mercado de trabalho em xeque. Nessa linha, faz-se necessário compreender aspectos da evolução do papel das mulheres na sociedade para compreender o contexto contemporâneo.

É fato que a configuração do mercado de trabalho contemporânea, mais democrática e inclusiva, foi consolidada às custas de uma trajetória injusta, e discriminatória. Por isso, ao longo desta seção levantou-se aspectos que contribuem com a estruturação de um esteio histórico, capaz de elucidar a fenômenos culturais em torno da segregação de gênero.

No oriente, por exemplo, a segregação da mulher teve início na antiga Assíria (BURNS, 1977). Elas eram tratadas como bens dos maridos, por isso, somente o homem detinha direitos, como o divórcio. Além disso, eles ainda tinham a permissão à poligamia e suas mulheres só podiam sair de casa se cobertas com um véu na face (BURNS, 1977). Já na antiga sociedade grega, a mulher era privada de seus direitos, em caso de transação jurídica ou compra e venda de imóveis deveria ser representada por um tutor, que no caso deveria ser um homem (pai, irmão, marido ou algum parente próximo) (CANEZIN, 2004).

Assim como os demais lugares do mundo, no Brasil Colônia as mulheres também eram vistas como inferiores, por isso, desempenhavam papéis submissos ao homem. As negras eram amas de leite, viviam nas casas-grandes, prestavam serviços e ainda eram submetidas a violência sexual. Enquanto isso, a mulher branca apesar de vista como a

elegância da sociedade, não tinha acesso à educação e ainda precisava lidar em silêncio com a poligamia de seus maridos, que mantinham relações com índias e escravas (BASEGGIO; SILVA, 2015).

Nota-se que, por muito tempo, as mulheres foram enxergadas como propriedade do homem, postas como dependentes e submissas a eles. Essa situação estava presente em todo o mundo, era perceptível a condição inferior em relação ao homem, ainda que em graus diferentes. Sendo assim, a mulher teve por muito tempo um lugar na família em que era responsável pelo espaço dos cuidados domésticos, sempre em obediência ao marido. A maioria das mulheres da época eram analfabetas (CANEZIN, 2004). Quando meninas, elas eram ensinadas apenas a realizar as prendas domésticas e preparadas para a virtude de obediência ao futuro esposo, uma vez que “o namoro e noivado eram um ritual onde a jovem aprendia a ser submissa ao futuro marido, como fora ao pai” (CANEZIN, 2004, p. 147).

Ao longo da história, inúmeras mulheres foram contrárias a essa condição de submissão e se rebelaram com o intuito de conseguir liberdade e direitos, porém, muitas pagaram com a própria vida por essa luta por igualdade. Pinto (2010) ressalta que foi somente no final do século XIX que ocorreu a primeira onda do feminismo. Iniciada na Inglaterra, as mulheres chamadas sufragetes lutaram por seus direitos por meio de várias manifestações e conquistaram em 1918, no Reino Unido, o direito ao voto. Enquanto no Brasil, essa onda feminista por direito ao voto chegou apenas anos depois, por volta de 1910, entretanto, o direito ao voto só foi conquistado em 1932, quando foi promulgado o Novo Código Eleitoral brasileiro (PINTO, 2010).

Dado o exposto, nota-se que, ainda que vários aspectos culturais, de diversas regiões do mundo, se assemelhem no sentido de não reconhecer a mulher como sujeito crítico, apto para exercer direitos civis, há fatores socioeconômicos de cada região que inferem na evolução da mulher. Por exemplo, para tratar da evolução da mulher na sociedade brasileira, é preciso considerar os efeitos gerados pela abolição tardia da escravidão, pela revolução industrial, pelas crises econômicas, pela ditadura militar e pela predominância de religiões com fundamentos patriarcais (JULIÃO; DIB; OLIVEIRA 2021).

Para Julião, Dib e Oliveira (2021) essas consequências envolvem: elevada desigualdade de renda, altos índices de alfabetização e abandono escolar, baixa mão de obra feminina qualificada e pouco incentivo para a independência financeira de mulheres. Tais aspectos se manifestam de forma estrutural na sociedade e ainda mantém uma cultura com mentalidade conservadora. Isso faz com que a paridade de direitos e condições de trabalhos

das mulheres se manifeste de forma diferente de países que evoluíram nesses fatores macro ambientais que envolvem o tema.

Foi somente em 1934 que as mulheres brasileiras conquistaram por lei o direito à assistência médica e ao descanso (antes e depois do parto), bem como houve a proibição do trabalho em condições de insalubridade e a distinção de salário em decorrência do gênero (GITAHY; MATOS, 2008). De acordo com Matos (2005), só depois da Segunda Guerra Mundial, que ocorreu entre 1939 e 1945, é que a mulher passou a ocupar espaços antes considerados apenas masculinos, já que os homens foram para a guerra e muitos não voltaram para casa, ou voltaram mutilados, ficando impossibilitados de trabalhar e sustentar suas famílias. Diante dessa situação, a mulher brasileira passou a adquirir mais espaço dentro da sociedade ganhando, por exemplo, mais autonomia para dedicar tempo para um ofício sem ser do lar.

Sendo assim, na década de 1960, com todas as mudanças ocorridas devido à guerra que geraram a substituição dos homens no trabalho por mulheres, elas passaram a se unir e juntar forças para conseguir voz perante a sociedade buscando ter suas ideias respeitadas. Isso aconteceu, principalmente, porque elas não queriam ter que voltar a ficar exclusivamente em casa e desempenhar o papel de submissão, por isso, passaram a lutar juntas para assegurar igualdade e independência (MIRANDA, 2013).

No Brasil, em 1962 as mulheres obtiveram outro avanço: o Estatuto da Mulher Casada, que representou um marco na história de luta pela igualdade de direitos entre mulheres e homens, pois aboliu da legislação brasileira a condição de inferioridade e dependência perante o marido e ainda de incapacidade feminina, igualando-as aos silvícolas (índios). Esse estatuto, trouxe o princípio do livre exercício de profissão – ingresso ao mercado de trabalho e maior poder econômico, o usufruto vidual – usufruto dos bens deixados pelo marido falecido e o direito a guarda dos filhos mesmo que considerada “culpada” pelo desquite (CANEZIN, 2004).

Ademais, o documento levou 10 anos de gestação e foi consolidado em meio de muitos debates dentro de um sistema legislativo composto em majoritariamente por homens. Para Campobiano (2015), o estatuto trouxe liberdade, mas gerou uma outra grande limitação: as esposas perdiam o acesso à renda do marido por conta da escolha de comunhão parcial de bens e a maioria delas não trabalhavam. Sendo assim, o documento ainda representava uma grande barreira econômica, uma vez que, embora o marido não tivesse possibilidade legal de proibir, grande parte das mulheres brasileiras casadas eram do lar e o trabalho era visto como

uma opção em casos de extrema necessidade financeira, já que o ofício da mulher deveria ser exclusivamente maternal (CAMPOBIANO, 2015).

A pouca participação feminina no sistema legislativo fez com que os avanços legais fossem extremamente lentos. Após quase 60 anos da conquista do direito ao voto é que as mulheres tiveram uma concepção de igualdade representada em uma constituição nacional. Destaca-se o trecho do estudo de Lopes (2006) sobre a Constituição Brasileira de 1988, de quando mulheres e homens passam a ter os mesmos direitos amparados:

Trata-se da superação de um paradigma jurídico que legitimava declaradamente a organização patriarcal e a conseqüente preferência do homem ante a mulher, especialmente no *locus* da família. Em seu lugar, delineia-se uma ideologia de igualdade de direitos e deveres. Desaparece a figura da chefia da sociedade conjugal e com ela as preferências e privilégios que sustentavam juridicamente a dominação masculina. (LOPES, 2006, p. 2)

O reconhecimento dos direitos igualitários pela Constituição Federal de 1988 exigiu uma alteração em documentos normativos que expressavam o segregacionismo por gênero e a supremacia masculina. Como por exemplo, o Código Civil de 1916. Em 2002, foi publicado um novo Código Civil, que trouxe importantes alterações como, por exemplo, o abandono da visão patriarcal presente no Código revogado, em que o casamento era visto como a única maneira de constituir-se uma família, na qual o marido era considerado superior, e conseqüentemente, a mulher inferior e submissa.

Sendo assim, é perceptível que, após anos de luta por igualdade de direitos e superação da condição de inferioridade, houve uma evolução nas legislações. Entretanto, não é essa alteração na teoria que foi suficiente para eliminar a segregação por gênero na prática. De acordo com Julião, Dib e Oliveira (2021), ainda é uma luta que permanece em diversos lugares do mundo, principalmente no Brasil, devido à conjuntura social, política e econômica, que legitimam uma vertente neoliberal opressora e excludente.

Isso se dá, principalmente, pela naturalização das desigualdades por meio da apropriação de parâmetros opressores às minorias sociais, como justificativa para a sobreposição de classes (MENEZES, 2018). Atualmente, sob uma ótica de direitos fundamentais, literaturas e em documentos oficiais de entidades internacionais, como a Organização das Nações Unidas (ONU) reconhecem a mulher como minoria social. Cabe destacar que considerar a mulher como minoria não significa considerar a quantidade de pessoas envolvidas na questão, mas sim considerar a situação de desvantagem social que se

repercute, de forma estrutural, e que ainda está distante de acabar (DENORA; MACHADO, 2017).

Levando em conta o que ocorreu no Brasil, a mulher conquistou, em teoria, o direito de estudar, trabalhar, votar e não estar mais subjugada a tarefa doméstica e ao casamento. Ademais, é impossível desconsiderar as lacunas que existem entre o direito e prática da igualdade de condições de oportunidades de vida e de trabalho. Hoje, as mulheres têm seus direitos garantidos por lei, mas ainda há obstáculos como o acúmulo de funções, diferenças salariais entre homens e mulheres, discriminação e preconceito quanto à ascensão profissional (ARANTES, 2010). Ou seja, ainda é evidente uma visão machista em muitos cargos e/ou funções.

A pesquisa Global Entrepreneurship Monitor (GEM) de 2014, mostra que esse assédio sofrido por mulheres dentro de empresas e a necessidade de flexibilização para poder conciliar trabalho com família juntamente um outro fator conhecido como “teto de vidro”, podem influenciar e motivar essas mulheres a optar pelo empreendedorismo.

O termo foi criado para representar as barreiras, não explícitas, que existem dentro de empresas, que dificultam e muito, a ascensão das mulheres para cargos de comando dentro de organizações (ANDRADE, 2010). Em um estudo centrado em evidenciar empecilhos expostos pelo fenômeno do “teto de vidro”, Trevizolli e Dib (2020) destacaram fatores da barreira invisível que dificultam, em muitas vezes, até impedem a ascensão feminina no mercado. Um dos principais foi o preconceito com a maternidade. Mas, mesmo para mulheres que não tenham filhos, somente por estarem em um casamento, ainda é subentendida uma dificuldade em se ausentar frequentemente de casa e dos cuidados com o lar para viagens a trabalho (TREVIZOLLI; DIB, 2020).

O estudo ainda constatou que a opção por um homem para cargos de liderança é pautada, por muitas vezes, por um julgamento da mulher como indivíduo que não se controla emotivamente e está sempre suscetível a se envolver em escândalos, por isso, não garante a segurança que os gestores estão buscando para efetivar negociações (TREVIZOLLI; DIB, 2020).

De acordo com Cacciamali (2005) a Organização Internacional do Trabalho (OIT) constatou que no ano de 2005 menos de 5% das grandes empresas do mundo tinham mulheres no comando de sua gestão, e no Brasil, essa porcentagem era de 5% a 10%. Alguns dos motivos apontados pela pesquisa para essa situação foram o fato de se ter uma cultura matrimonial e de discriminação, o que possibilita a criação de uma barreira entre as mulheres

e a vontade de ingressar em uma empresa, optando muitas vezes, por empreender ao invés de passar por situações como as citadas acima.

Já em uma pesquisa de 2019, dados da OIT evidenciam que a situação não evoluiu nos últimos anos. Dentre as maiores 500 empresas do mundo, apenas 5,4% delas tem mulheres como CEO'S e 20,1% em cargos de diretoria (OIT, 2019). Ainda assim, somente 11% dessas mulheres recebem uma remuneração compatível como um homem no mesmo cargo (OIT, 2019). O mesmo estudo aponta que, apesar da discrepância salarial, há muitas mulheres em cargos de liderança que possuem um grau maior de instrução do que dos homens, mas ainda sim recebem salários mais baixos (OIT, 2019).

Dentre as profissões com maior concentração feminina, a pesquisa da OIT de 2019 destacam-se: empregadas domésticas, cabelereiras, cozinheiras, enfermeiras e professoras do ensino infantil. Enquanto para homens, as profissões com maior concentração masculina foram: médicos, investidores, engenheiros, pilotos aéreos e professores universitários.

Com isso, nota-se um cenário em que as mulheres continuam a serem desfavorecidas e ter retornos salariais menores mesmo trabalhando em mesmas categorias ocupacionais. Assim, apesar da liberdade para exercer o ato laboral, as mulheres dos tempos atuais ainda têm dificuldades para ascensão de carreira, levando muitas a aderirem o empreendedorismo.

3 UM OLHAR APURADO SOBRE EMPREENDEDORISMO

Antes de trazer elementos que elucidam o avanço da mulher em uma atividade econômica marcada por riscos trazidos pela competitividade aguçada em vários setores, é preciso avançar para uma compreensão mais precisa do empreendedorismo. Mais do que trazer o que o processo de empreender é, neste capítulo optou-se por extrair da literatura existente aspectos que permitem compreender sobre o perfil dos empreendedores no contexto contemporâneo.

Embora alguns acreditem que o campo de estudos sobre empreendedorismo seja relativamente novo, os primeiros pensamentos sobre o conceito não são. De acordo com Landström, Harirchi, Aström (2012), o empreendedorismo é tão antigo quanto o intercâmbio e comércio entre as pessoas na sociedade, porém não era tema de discussão como hoje, e somente com a evolução dos mercados econômicos que os estudiosos começaram a ter interesse sobre o assunto.

Alguns estudos defendem que o termo empreendedorismo teve origem na Idade Média, em que assumia o conceito de alguém que gerenciava projetos de produção, utilizando os recursos que estivessem disponíveis no momento (HISRICH; PETERS; SHEPHERD, 2009).

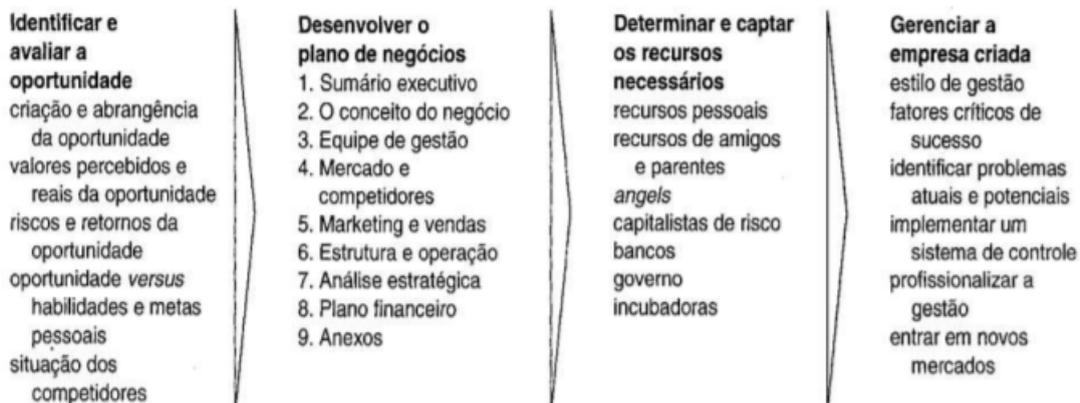
No século XII, o termo passa a ser relacionado com os indivíduos incentivadores de brigas. Já no século XVII, o conceito muda, e passa a corresponder aos indivíduos que assumiam riscos e que realizavam acordos contratuais. No século XVIII, surge a diferenciação entre empreendedor e capitalista por conta da industrialização que estava ocorrendo no mundo. E, entre o final do século XIX e começo do século XX, os empreendedores passam a ser confundidos com administradores e gerentes e também a ser diretamente associados com a inovação, aliada a compreensão de oportunidades (HISRICH; PETERS; SHEPHERD, 2009; LANDSTRÖM, HARIRCHI, ASTRÖM, 2012).

Para Hisrich, Peters e Shepherd (2009) hodiernamente, o empreendedorismo é visto como um processo de criar algo que tenha valor, com dedicação de tempo e esforços, para alcançar a satisfação e independência econômica e pessoal, assumindo os riscos psíquicos, financeiros e sociais. Com a intensificação de ferramentas digitais, Castro (2014) alega que os processos dos novos empreendimentos estão sendo modificados do começo ao fim, uma vez que os empreendedores se apoiam em recursos online para fases como: criação de ideias,

previsão de demandas, mapeamento de concorrentes, proteção da propriedade intelectual e divulgação.

Mais especificamente, as etapas fundamentais que constituem o chamado processo empreendedor, são divididas em: 1) Identificação e avaliação de uma oportunidade para entender o retorno que poderá ter e os riscos que serão assumidos; 2) Desenvolvimento de um plano de negócios com o intuito de estudar se é viável a criação do empreendimento; 3) Captação de recursos e, 4) Gerenciamento do negócio após abertura da empresa (HISRICH; PETERS; SHEPHERD, 2009). Como mostra Figura 1:

Figura 1 – O Processo Empreendedor



Fonte: Hisrich, Peters e Shepherd (2009).

Com base na Figura 1, é possível perceber que o processo para empreender é pautado por um pensamento estratégico que precisa ser considerado. Até porque um empreendimento que passa por etapas fundamentais, como a de adquirir conhecimento sobre a situação dos concorrentes, contemplará aspectos muito importantes sobre o setor de atuação que está. Para Hisrich, Peters e Shepherd (2009) não se pode deixar que a facilidade para empreender nos dias de hoje deixe os empreendimentos sem alinhamento para a captação de recursos e definição de estratégias de crescimento.

Para que esse processo empreendedor, que tem como intuito desenvolver um novo negócio, de fato, funcione e seja colocado em prática, é necessário que o empreendedor realize a função de dar andamento as etapas desse processo. Sendo assim, para tratar do empreendedor em si, optou-se por adotar a concepção trazida pelo Global Entrepreneurship Monitor (GEM), que foram definidas por meio de pesquisas feitas por entidades renomadas que trabalham com empreendedorismo.

Sob a concepção do GEM, o empreendedorismo como um todo é um conceito amplo que se transforma, uma vez que inclui empreendedores de diferentes matrizes e setores, com negócios físicos ou online, formalizados ou não (GEM, 2019). No que tange ao empreendedor, no conceito do GEM é qualquer sujeito que esteja na tentativa de criar um novo empreendimento, seja como uma atividade autônoma e individual ou uma expansão de um empreendimento já existente em conjunto (GEM, 2019).

Segundo o GEM (2019) todos indivíduos chamados empreendedores são pessoas que identificam oportunidades ou necessidades de consumo e criam ou já criaram qualquer tipo de empreendimento, desde os mais simples até os mais inovadores. Cabe ressaltar que não é preciso que esses indivíduos sejam líderes de um negócio estruturado e de sucesso, e muito menos que precisam estar realizados e satisfeitos, caso sejam proprietários de um empreendimento.

Atualmente, estima-se que tenha mais de 53 milhões de empreendedores no Brasil (GEM, 2019). Ao longo dos anos, o número de empreendedores iniciais cresceu significativamente. Entretanto, a falta de incentivo e de condições sociais e econômicas favoráveis para a formalização e crescimento dos novos negócios faz com que muitos dos empreendedores não se estabeleçam no mercado (GEM, 2019). Tratando-se desse estágio de empreendedores atuais no Brasil, apresenta-se a seguir o Gráfico 1.

Gráfico 1- Relação De Empreendedores



Fonte: GEM Brasil (2019).

Cabe ressaltar que as mulheres têm destaque nos indicadores de empreendedores iniciais, mas são os empreendedores masculinos que ocupam a maior parte dos números referentes aos empreendedores estabelecidos. De acordo com o GEM (2019), empreendedores

estabelecidos são aqueles que mantêm seu negócio consolidado, com pagamento de salários em dia, tributos e fornecedores por mais de 3,5 anos. As mulheres representam apenas 42,7% dos empreendedores estabelecidos no Brasil (GEM, 2019).

De acordo com a literatura existente sobre o tema, há certos estereótipos de empreendedores que vêm sendo mapeados em estudos ao longo dos anos. Para Schmidt e Bohnenberger (2009) o perfil do empreendedor influencia no seu comportamento, nas formas de assumir riscos e tempo de trabalho dedicado para o negócio. No Quadro 1 apresentado a seguir é possível ver alguns dos principais perfis.

Quadro 1 – Tipos de Empreendedor

Nato	São visionários, otimistas e estão a frente do seu tempo. Se comprometem 100% para realizar seus sonhos e muitas vezes se tornam grandes exemplos para a sociedade.
O que aprende	Não tem em mente ser empreendedor, mas se depara com uma oportunidade e decide aproveitá-la. Precisam aprender a lidar com novas situações e a assumir riscos.
Serial	Aquele que é apaixonado por empreender e não se satisfaz em ficar apenas a frente de um negócio, busca sempre novas coisas. Gosta de desafios, é dinâmico e acredita em oportunidades.
Corporativo	São aqueles que se preocupam com o crescimento e inovação de negócios já existentes. Trabalham com foco nos resultados e gostam de metas ousadas.
Social	Preocupados com a implementação de melhorias para as pessoas. Se envolvem em causas humanitárias e tem vontade de mudar o mundo. Criam oportunidades para quem não possui. Se realizam com projetos que impactam positivamente o próximo e não a si mesmo. Seu objetivo não é ganhar dinheiro.
Necessidade	Criam negócios por falta de alternativas. Muitas vezes, desenvolvem serviços simples e trabalham informalmente. Além disso, são pouco inovadores, não tem acesso a educação e recursos para empreender de forma estruturada. Acabam sem escolha e precisam trabalhar por conta própria.
Herdeiro	Tem a missão de continuar com o negócio da família e seu principal desafio é fazer o patrimônio recebido ser multiplicado.
Planejado	Buscam diminuir os riscos de seus negócios, utilizam o planejamento como principal recurso e se preocupam com o andamento da empresa.
Intraempreendedor	Realizam a inovação dentro de uma empresa já existente, possuindo recursos, incentivo e liberdade para se dedicar em transformar a empresa em um sucesso.

Fonte: elaborado pela autora com base em Schmidt e Bohnenberger (2009).

Dado o exposto, nota-se que há um leque de características que norteiam cada perfil e que não se pode generalizar os empreendedores em um delineamento só, uma vez que cada um detém de uma motivação particular para empreender e de objetivos específicos para alcançar. Para Schmidt e Bohnenberger (2009) não há um perfil ideal ou mais assertivo, e o autor ainda chama atenção para o fato de que o perfil do empreendedor irá refletir no desenvolvimento do negócio.

Em um recente estudo de Fernandes (2019) foi constatado que as mulheres se enquadram majoritariamente no perfil de empreendedor por necessidade. Isso porque encontrar um espaço em mercados tão competitivos é ainda mais complicado quando há discriminação por gênero. Estas, em muitas vezes, são manifestadas por comportamentos culturais que refletem no surgimento de barreiras que dificultam o crescimento de um empreendimento (FERNANDES, 2019).

De acordo com dados do GEM (2019), o fator necessidade é um impulsionador de empreendimentos para brasileiras porque há reflexos das crises financeiras e sociais da sociedade brasileira que impedem que as mulheres encontrem boas vagas de trabalho. As opções de emprego formal desconsideram que ainda há muitas mulheres que são unicamente responsáveis pelo cuidado do lar e dos filhos, por isso, precisariam de uma certa flexibilidade para conciliar suas tarefas (FERNANDES, 2019).

A distribuição igualitária de tarefas entre parceiros é uma forma de combater a sobrecarga das tarefas incumbidas às mulheres, mas ainda assim não elimina o preconceito de gestores conservadores e patriarcais (TREVIZOLLI; DIB, 2020). Para Trevizolli e Dib (2020) o problema é estrutural, e uma mudança efetiva nesses aspectos é ainda mais lenta senão tiver apoio de políticas públicas e movimentos de conscientização.

4 EMPREENDEDORISMO FEMININO

Para ser possível aprofundar a ideia do empreendedorismo feminino, optou-se por apresentar nesta seção uma breve introdução que vislumbre o ato de empreender, e ir ainda mais além, elucidando a variedade de possibilidades e reinvenções que a prática abrange. Posteriormente, houve uma preocupação em associar a mão de obra feminina com o empreendedorismo como fonte de renda.

O ato de empreender, comumente confundido com outras atribuições do mercado, como a do ato de administrar, envolve uma contenda bem mais ampla e arriscada, segundo Schmidt e Bohnenberger (2009). Isso porque empreender exige uma visão estratégica de elementos internos e externos que vão otimizar as chances de sucesso de um negócio e prever riscos e barreiras (SCHMIDT; BOHNENBERGER, 2009).

Sendo algo que não se finda em ações operacionalizadas, o empreendedor depende inteiramente de seu desempenho para buscar ferramentas, tendências de negócios, inovações, técnicas e profissionais que se envolvam com a proposta (SCHMIDT; BOHNENBERGER, 2009). Pode-se dizer que é um trabalho que exige alto empenho, que não proporciona um roteiro de demandas de trabalho e estabilidade, já que é uma atividade dinâmica e que precisa de constante ajuste para acompanhar o desenvolvimento da sociedade.

Por outro lado, a dinamicidade do ato de empreender concede espaço para a criatividade, inovação e originalidade. Para Castro (2014) a nova geração de empreendedores, aliada aos recursos tecnológicos, vem revolucionando a concepção de conhecimento e criatividade dos seres humanos, sendo um marco de avanço histórico no mundo dos negócios.

Schmidt e Bohnenberger (2009) afirmam que existem dois tipos de empreendedorismo: por oportunidade e por necessidade. O empreendedor por oportunidade é aquele que possui uma ideia inovadora para o mercado, utilizando-se dessa oportunidade para criar algo, elaborando um bom plano para entender os desafios e ameaças do negócio. Já no segundo tipo, o indivíduo procura maneiras de suprir necessidades básicas, como por exemplo, recursos para conseguir sobreviver. Por esse motivo, nem sempre possuem um plano estruturado do negócio e acabam por enfrentar um risco alto e muitas vezes os resultados são de insucesso.

Tratando-se do empreendedorismo feminino, Rodrigues, Gaspar e Herlander (2021) constataram que surgiu da incessante busca por mudanças em padrões sociais segregacionistas. A busca por maior independência, visibilidade e ascensão financeira é

expressiva no século XX, mas somente na transição para o século XXI que os conflitos entre gênero, trabalho e família impactaram em uma atividade profissional feminina mais marcante e independente (RODRIGUES; GASPAR; HERLANDER, 2021).

Segundo o Relatório sobre Mulheres e Empreendedorismo do Global Entrepreneurship Monitor - GEM (2019), as mulheres empreendedoras já são mais de 26 milhões no Brasil, ou seja, bem próximo do número de homens empreendedores, 29 milhões.

Cabe reiterar que o empreendedorismo feminino não se manifesta com a mesma intensidade em todas as regiões do mundo. Países como a África do Sul, Alemanha, México e Índia possuem uma diferença significativa entre empreendedores estabelecidos do sexo feminino e masculino (GEM, 2019). Já países como o Brasil, essa diferença é baixa, oscilando entre 4,5% entre os dois sexos (GEM, 2019).

É fato que as características econômicas, culturais, sociais e políticas de cada país influenciam nas diferenças regionais dos dados que demonstram a participação feminina no mercado de trabalho e no ato de empreender. Ademais, documentos publicados pelo GEM (2019) ressaltam a necessidade de abordar as questões por meio de políticas públicas gerais e essenciais, assim como há unanimidade mundial na promoção de políticas educacionais e de saúde. Até porque há políticas econômicas voltadas para a sociedade que visam aquecer mercados regionais, e poderiam ser voltadas para a equiparação de gênero no mercado.

Cabe destacar, que apesar das mulheres já apresentarem dados expressivos de empreendedorismo, a participação masculina ainda é mais promissora, já que o índice de negócios que se mantém ao longo dos anos empreendidos por homens é maior do que os das mulheres (GEM, 2019). Sendo assim, apesar do aumento da participação feminina, os empreendimentos já surgem condicionados a uma estimativa de fracasso.

Dentre os diversos fatores socioeconômicos que podem influenciar no fechamento dos empreendimentos, Pinto (2010) evidencia que a dificuldade para se manter no mercado se deve, em muitas das vezes, às condições econômicas instáveis, aos estereótipos de gênero e aos fatores culturais, que inibem o desenvolvimento do negócio. O empreendedorismo feminino é considerado um campo de estudo novo e complexo devido ao seu caráter comportamental. Porém, com o crescimento do número de empreendedoras, é possível identificar a existência de um processo evolutivo de quebra de preconceitos e paradigmas relacionados às mulheres que exercem essa profissão (ALMEIDA; GOMES, 2011).

De acordo com dados do GEM (2019), a faixa etária com maior adesão ao empreendedorismo são mulheres com cerca de 35 anos ou mais. Inclusive, mulheres nessa

faixa tendem a empreender mais que os homens na mesma idade (GEM, 2017). De acordo com Rodrigues, Gaspar e Herlander (2021) isso ocorre por conta das dificuldades no início de carreira que as mulheres precisam lidar, enquanto homens são inseridos mais facilmente no mercado de trabalho.

Em 2012, um estudo de Machado já apontava uma certa discriminação por gênero pela sociedade ao escolher o empreendimento para comprar. Segundo o autor isso ocorre pelo fato de que empreendedores são bem vistos pela sociedade, mas ainda há uma forte associação dessa profissão com o sexo masculino, principalmente, se o ramo escolhido para atuação abranger atividades consideradas “não adequadas para mulheres” (MACHADO, 2012).

Infelizmente, a segregação por gênero ainda ultrapassa as atividades domésticas, e essa divisão injusta de tarefas, tanto em casa quanto no trabalho, faz com que as mulheres sejam colocadas numa posição desfavorável para seu reconhecimento social (STROBINO; TEIXEIRA, 2014). Entretanto, para Micozzi e Lucarelli (2016), a maior adesão ao empreendedorismo as mulheres está, lentamente, alterando aspectos culturais da sociedade, uma vez que elas estão fortalecendo o mercado de trabalho com a sua participação e exercendo um papel que é de extrema importância para a aceleração econômica de um país (MICOZZI; LUCARELLI, 2016).

Por isso, pode-se dizer que, no que diz respeito às mulheres empreendedoras, o que se evidencia é uma evolução, porém uma evolução lenta e pautada por muitos preconceitos. Rodrigues, Gaspar e Herlander (2021) alegam que, apesar de serem motivadas, em muitas vezes, por necessidade, as mulheres passaram a ver o empreendedorismo como uma forma de realização pessoal, identificação e complemento de renda.

Micozzi e Lucarelli (2016) consideram que as mulheres veem no empreendedorismo, mesmo informalizado, condições mais favoráveis que as oferecidas pelo emprego formal, visto que permite que elas escolham um setor de atuação com qual se interessem e minimiza os conflitos organizacionais por segregação por gênero. Sendo assim, características de protagonismo, emancipação financeira e amadurecimento são consequências do aumento da participação feminina no empreendedorismo que precisam ser consideradas como um avanço social (MICOZZI; LUCARELLI, 2016).

Já para Machado, St-Cyr, Mione e Alves (2003, p. 4), dentre os motivos, que fazem com que essas mulheres abram negócios, podemos destacar: “vontade de realização e independência, dificuldades em alavancar profissionalmente em uma empresa, por sobrevivência e ainda por uma percepção de oportunidade no mercado e forma de conciliar

família e trabalho”. Além disso, algumas já se encontram em um ambiente empreendedor por conta de suas famílias, o que as motivam a seguir por este caminho (BUTTNER; MOORE, 1997).

Dado o exposto, nota-se que o empreendedorismo feminino é um tema que vem sendo intensificado, e por isso ainda precisa compor debates e ser objeto de estudos que reflitam seus principais aspectos. Isso porque atenuar a segregação por gênero e a dependência financeira das mulheres é um compromisso histórico que exige transformações em esferas econômicas e sociais.

Com fins de ampliar essa discussão e contribuir com dados que podem servir como base de novas mudanças referentes ao tema, a próxima seção foi destinada para apresentar os procedimentos metodológicos do presente estudo, que ajudarão a identificar os principais desafios de mulheres empreendedoras na contemporaneidade.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

As escolhas metodológicas do trabalho consideram a necessidade de responder questões particulares, pautadas por uma natureza subjetiva, que desvelam a desigualdade de gênero em espaços atuais. Devido a isso, a pesquisa detém de uma natureza qualitativa. Para Minayo (2008) pesquisas desse porte trabalham com a complexidade vinda de fenômenos ou processos sociais.

Com base no aporte teórico do trabalho, que trouxe aspectos históricos e atuais sobre o desenvolvimento da mulher na sociedade, o presente estudo visa investigar a realidade de mulheres empreendedoras de um município localizado no interior do estado de Minas Gerais. Por meio de um grupo nascido em Uberlândia-MG, chamado Moeda de Troca, são oferecidos capacitações, palestras, workshops e bazares para mulheres que já empreendem ou almejam iniciar um novo negócio.

A ação coletiva tem como intuito unir propósitos de mulheres empreendedoras e oferecer suporte para o alcance de seus objetivos. Iniciado por duas mulheres no ano de 2019, em dois meses o grupo já contava com 500 mulheres contribuindo e usufruindo do repasse de conhecimentos. Em pouco mais de dois anos, estima-se um impacto de mais de 15.000 mulheres empreendedoras da região mineira e de outras regiões (MOEDA DE TROCA, 2022).

Por ter tido um crescimento repentino, a estrutura de atividades precisou ser modelada para acolher as novas participantes, fazendo com que fosse investido em mais redes sociais e um site oficial para que as ações do grupo fossem divulgadas por meio de canais oficiais. Dentre as principais atividades, cabe destacar a Jornada Empreendedora, que trata-se de uma formação basilar para quem busca criar ou reinventar um negócio existente.

Sendo assim, optou-se por coletar dados com participantes do grupo Moeda de Troca, em uma espécie de formulário online. Isso porque, para atender os objetivos do trabalho, fez-se necessário aderir procedimentos para coleta de dados que envolvem diretamente o intento da pesquisa. De acordo com Boni e Quaresma (2005), dentre as inúmeras possibilidades de coletar dados para uma pesquisa qualitativa, a aplicação de entrevista estruturada pode fornecer constatações ilustres e originais, visto que serão trabalhados com dados brutos e não dados já sintetizados por outros pesquisadores.

O formulário utilizado foi feito com base em conceitos de fontes precisas, como autores do tema e documentos existentes. Foram extraídos, principalmente, informações

publicadas pelo GEM (2014; 2017; 2019) para a sua elaboração. Mais especificamente, buscou-se aprender: a) o perfil das participantes; b) as dificuldades de empreender; c) as motivações; d) e por fim, as vantagens e desvantagens sob a concepção pessoal delas.

Para coleta de dados optou-se pela seleção de uma amostra por conveniência. Para Freitag (2018) é um critério de seleção comumente utilizado por pesquisas qualitativas e exploratórias, e, apesar de serem desconstituídas de um rigor estatístico, coletam elementos suficientes para representar um universo. No total, 178 mulheres participaram do estudo.

Mais do que, meramente, levantar dados sobre a amostra, buscou-se criar perguntas que tragam respostas que possam ser interpretadas, contrastadas e problematizadas sob a luz das teorias e documentos existentes. Assim, a realidade das mulheres empreendedoras pode ser, de fato, refletida e considerada como pauta necessária para os tempos hodiernos. As perguntas do formulário estão disponíveis no Apêndice A do trabalho.

Após a finalização da coleta, iniciou-se a fase de tratamento dos dados. Para essa fase, priorizou-se uma estrutura de apresentação dos dados seguida pelas principais constatações. Foi nesse momento que o debate sobre as disparidades de gênero foi subsidiado por dados verídicos e atuais, que refletem as condições em que as mulheres empreendedoras estão atuando.

6 RESULTADOS

6.1 Dados sobre o Perfil das Participantes

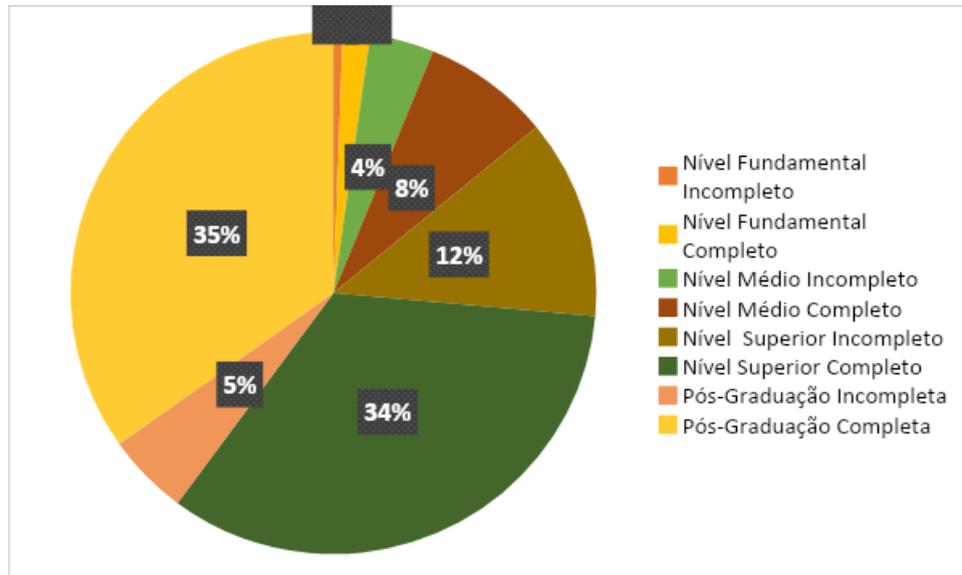
Para uma apresentação dos resultados obtidos pelo formulário aplicado às mulheres empreendedoras do grupo Moeda de Troca, optou-se pela estruturação das informações em duas partes: uma destinada para apresentar características do perfil e outra voltada para pontos do percurso como empreendedora.

Tratando-se sobre constatações referentes às características de perfil, cabe destacar as faixas etárias predominantes. De acordo com os dados, predominou-se mulheres com idade entre 36 e 45 anos, que representam cerca de 45,5% da amostra. Em uma segunda e terceira posição, predominou-se mulheres com 46 a 55 anos e mulheres com 26 a 35, que configuram, respectivamente, 26,4% e 21,9% da amostra. O restante eram mulheres com idade entre 18 a 25 anos e acima de 56.

Tal constatação vai ao encontro com premissa apresentada no aporte teórico do estudo sobre o GEM (2019), que diz que a maior adesão da atividade empreendedora é feita por mulheres com 35 anos ou mais. Outros argumentos apresentados justificam que os homens tendem a ter mais facilidade para encontrar trabalhos nessa idade, enquanto mulheres tendem a encontrar mais dificuldades para consolidar uma carreira profissional, principalmente, por serem constantemente associadas aos papéis segregativos impostos a elas, como o de responsável por trabalhos domésticos, de ser responsável pelos filhos e de ser responsável por cuidar do casamento (GASPAR; HERLANDER, 2021).

Em relação aos dados sobre escolaridade, constatou-se que a maior parte das mulheres possuem nível superior completo (34%) e pós-graduação completa (35%) , como é possível visualizar no Gráfico 1 a seguir.

Gráfico 1- Nível de Escolaridade das Participantes

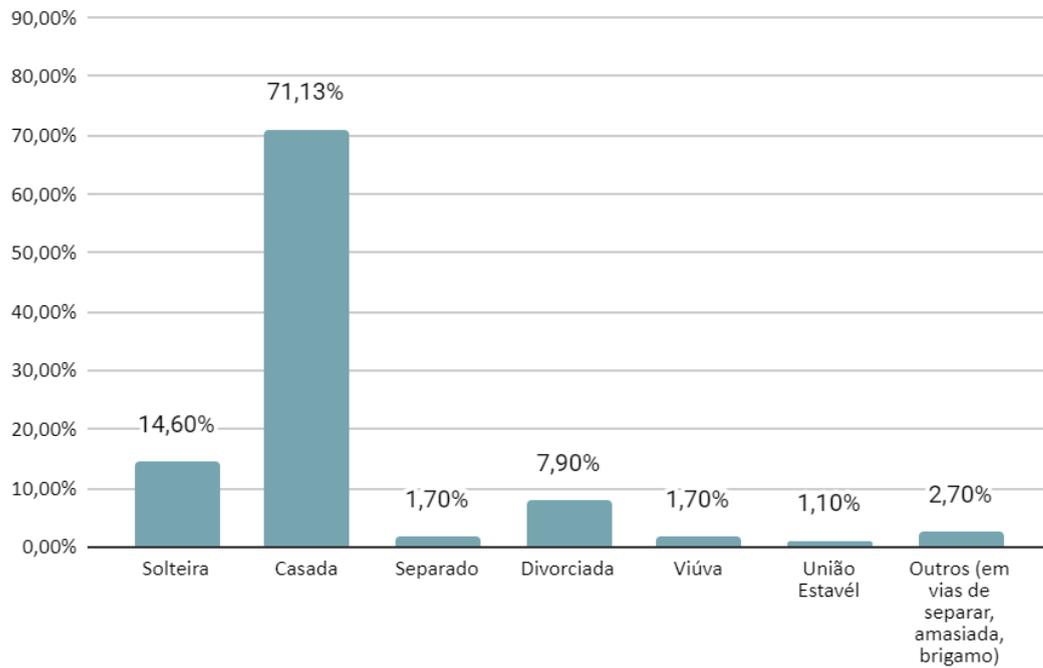


Fonte: resultados da pesquisa (2021).

Apenas 0,6% apresentou ensino fundamental incompleto e somente 1% possui apenas o fundamental completo. Cerca de 3,9% têm ensino médio incompleto, enquanto 7,9% possuem a formação completa no ensino médio. E 5,1% das participantes possuem pós-graduação incompleta. Em relação ao nível de escolaridade de mulheres, aportes na literatura apontam que já faz muitos anos que a segmentação ocupacional prejudica a formação escolar e profissional de mulheres em diversas regiões do mundo.

Apesar da democratização do acesso ao ensino permitir maior inclusão, Trevizolli e Dib (2020) chamam atenção para o fato de que a identificação de habilidades e até mesmo o grau de confiança no trabalho de uma pessoa são em muitas vezes associados ao gênero. Esse reconhecimento tendencioso ao perfil masculino, que desconsidera a capacidade das mulheres, coopera com a legitimação de um mercado de trabalho sexualmente dividido.

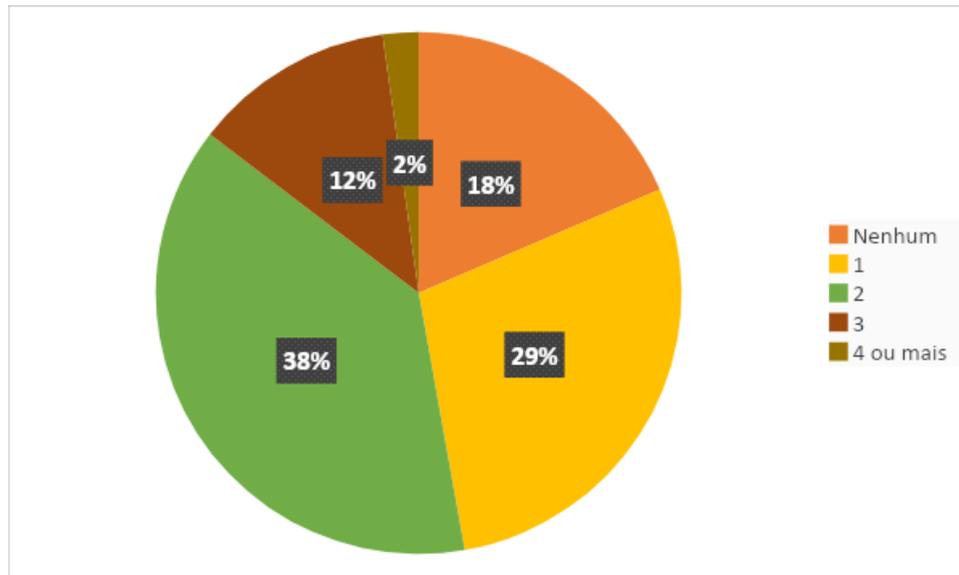
Ainda sobre o perfil das participantes, cabe mencionar que 71,3% alegaram ser casadas. Enquanto 14,6% são solteiras, 1,7% são separadas e 7,9% são divorciadas formalmente. Além disso, 2,7% alegaram estar em vias de separar, são amasiadas e são bígamos. No Gráfico 2 foi apresentada uma relação sobre o estado civil das participantes.

Gráfico 2- Estado Civil das Participantes

Fonte: Resultados da pesquisa (2021).

Em relação aos filhos, 20 % das mulheres não possuíam nenhum filho no momento em que os dados foram coletados. As demais tinham, respectivamente: a) 1 filho, cerca de 29% das mulheres; b) 2 filhos, correspondendo a 38% das participantes; c) 3 filhos, cerca de 12%; d) 4 filhos ou mais, apenas 2%. Os dados referentes aos filhos das mulheres foram apresentados no Gráfico 3.

Gráfico 3- Quantidade de Filhos



Fonte: Resultados da pesquisa (2021).

Nota-se que a maior parte das mulheres são casadas e que cerca de 85,5% possuem mais de um filho. Tal dado reforça que o perfil de mulher empreendedora encontrado está altamente suscetível a lidar com dificuldades e preconceitos impostos ao gênero, uma vez que elas são associadas a ter mais responsabilidade e comprometimento com os “papéis tradicionais” do que com a sua atuação profissional.

Ao questioná-las se a abertura do negócio foi por necessidade, 73% das participantes responderam que sim e apenas 23% responderam que não. Dentre as necessidades mencionadas, a maior parte, cerca de 42% considerou a necessidade de complementar a renda familiar como principal fator. Dentre as outras respostas, cabe destacar o desemprego, a frustração com a profissão anterior, a necessidade de ter horários flexíveis de trabalho, a vontade de ter mais autonomia, o interesse em trabalhar com algo que gostasse e a dificuldade para se encaixar no mercado da sua área de formação.

Ainda que a situação econômica vigente nos últimos anos tenha se apresentado instável para todo o Brasil, as premissas encontradas no referencial teórico do estudo não permitem desconsiderar o fato de que as mulheres tendem a lidar com diversos empecilhos para a construção de uma carreira profissional que um homem é isentado. As necessidades mencionadas pelas participantes, que subsidiaram a abertura do negócio, refletem os principais empecilhos encontrados até hoje. Sendo assim, o estímulo à independência financeira da mulher ainda deve ser posto como um compromisso social e histórico.

Tratando-se de planejamento, 55,6% das empreendedoras alegaram terem feito um planejamento para a abertura do seu negócio, enquanto 44,4% disse que seu empreendimento não foi algo planejado. As que realizaram um planejamento mencionaram que tiveram como o apoio: a) instituições, como o Sebrae; b) consultorias especializadas; c) um plano de negócios; d) sua própria rede familiar e de apoio; e) sua própria iniciativa para buscar informações sobre o setor.

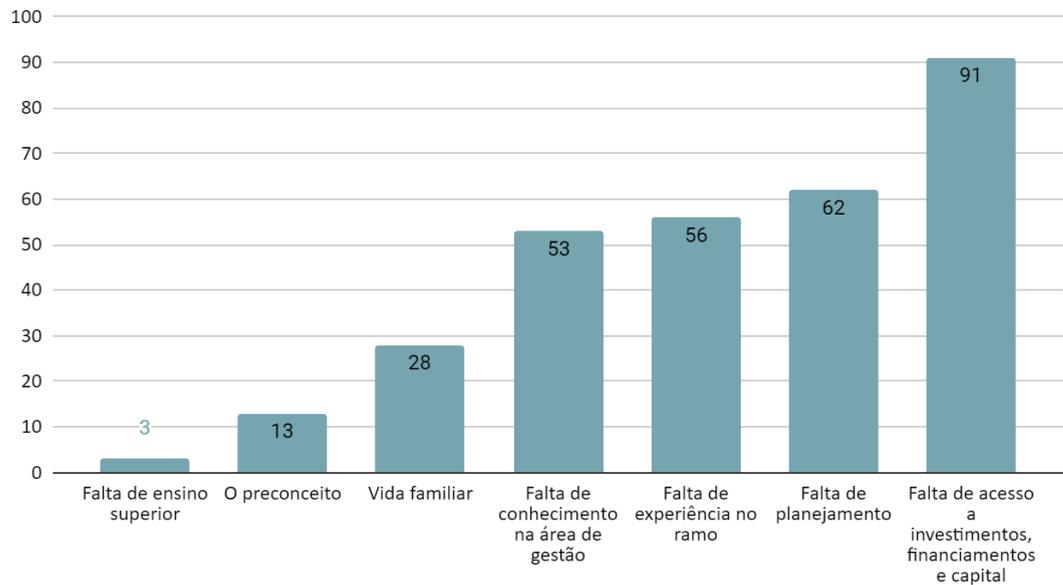
De acordo com argumentos apontados no referencial, o empreendedor que busca se planejar tende a diminuir consideravelmente os riscos, fazendo com que o andamento da empresa seja posto em um rumo mais seguro (SCHMIDT; BOHNENBERGER, 2009). Sendo assim, considera-se que, apesar da necessidade poder exigir um imediatismo na abertura de um empreendimento, o planejamento não deveria ser dispensado. Principalmente, pelo fato de o planejamento garantir um conhecimento sobre o mercado e os concorrentes, que é fundamental para definição do escopo do negócio. Assim como planejar os recursos financeiros disponíveis é essencial para o manejo do caixa e equilíbrio entre os custos e lucros obtidos.

6.2 Dados sobre a Jornada Empreendedora das Participantes

Após apreender características do perfil das empreendedoras e aspectos básicos sobre o seu ingresso no empreendedorismo, faz-se necessário apresentar as constatações que inferem sobre as principais percepções das mulheres em relação ao seu trabalho como empreendedora.

Para isso, primeiramente optou-se por tratar das dificuldades identificadas para abrir o empreendimento.

Quanto a essas dificuldades, havia os seguintes campos para as mulheres marcarem um ou mais itens: a) falta de acesso a investimentos financeiros ou capital; b) falta de conhecimento na área de gestão; c) falta de um ensino superior; d) falta de experiência no ramo; e) vida familiar; f) preconceito; g) outros, em que a empreendedora poderia descrever em um espaço do formulário. No Gráfico 4, é possível visualizar as respostas obtidas:

Gráfico 4- Principais Dificuldades para Abrir o Negócio

Fonte: resultados da pesquisa (2021).

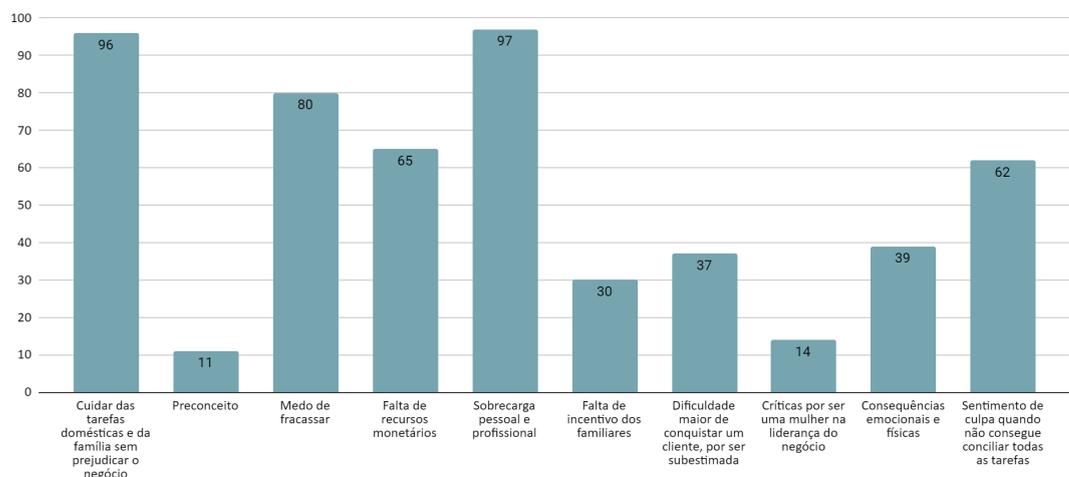
Nota-se que a falta de recursos financeiros, de planejamento, de experiência e de conhecimentos na área foram os fatores com maior destaque. Entretanto, todos os fatores têm respaldo na literatura por serem potenciais empecilhos para a ascensão feminina no mercado empreendedor (GEM, 2019). Cabe destacar o preconceito, que foi uma dificuldade ainda encontrada pelas mulheres, porém em uma quantidade pequena se comparado com os outros pontos que foram elencados por elas, o que pode ser um indício de que apesar da literatura trazer o preconceito como um ponto muito relevante para ascensão das mulheres no mercado de trabalho, isso pode estar evoluindo de maneira gradual.

Além disso, a opção de as mulheres descreverem outras dificuldades que não tivessem nas alternativas permitiu que outras respostas fossem encontradas. Foram citados fatores que envolvem dificuldade para a formalização, forte interferência do marido nas decisões, poucas vendas e dificuldades em conciliar as atividades com os estudos. É possível constatar que muitas das dificuldades pontuadas de fato alinham-se com o empreendedorismo em si, enquanto outras são nitidamente inerentes ao caráter feminino do empreendimento.

Nessa mesma linha, cabe destacar também as dificuldades mencionadas por ser a dona do próprio negócio. As empreendedoras podiam marcar uma ou mais das seguintes alternativas: a) tempo para cuidar de si mesma; b) cuidar das tarefas domésticas e da família sem prejudicar o negócio; c) preconceito; d) medo de fracassar; e) falta de recursos

monetários; f) sobrecarga pessoal e profissional; g) falta de incentivo dos familiares; h) dificuldade maior de conquistar um cliente, por ser subestimada; i) críticas por ser uma mulher na liderança do negócio; j) consequências emocionais e físicas; k) sentimento de culpa quando não consegue conciliar todas as tarefas; l) outros, para que as mulheres pudessem descrever. No Gráfico 5 é possível visualizar as respostas.

Gráfico 5- Principais Dificuldades em Ser a Dona do Próprio Negócio



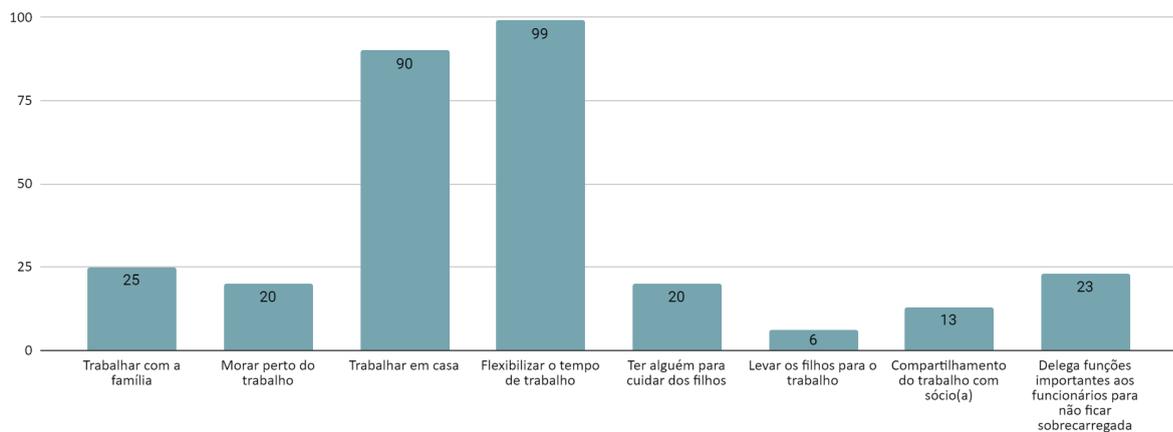
Fonte: resultados da pesquisa (2021).

De acordo com os dados, pode-se considerar que as atribuições postas como parte do papel social desempenhado pela mulher novamente ocupam um espaço significativo nas respostas. Como por exemplo, a majoritariedade de respostas que indicam dificuldades em cuidar das tarefas domésticas e da família. A sobrecarga pessoal e profissional, medo de fracassar e sentimento de culpa por não conseguir conciliar todas as tarefas foram outros itens que se destacam por terem sido as opções mais marcadas. Outras opções descritas foram relacionadas à dificuldade de organizar-se financeiramente e gerir meios de divulgação.

Argumentos da literatura que respaldam o estudo, como os de Denora e Machado, (2017), evidenciam que a situação de desvantagem na sociedade para a ascensão da mulher no mercado de trabalho é inteiramente associada a práticas sociais que se reproduzem de forma estrutural na sociedade. Sendo assim, as dificuldades voltadas para a sobrecarga, o medo e o sentimento de culpa podem ser inteiramente associados com uma cultura segregacionista que alimenta esses sentimentos ao longo de toda a vida das mulheres.

Desprender-se disso é um ato revolucionário que precisa ser incentivado em diversas esferas da sociedade. Ao questionar as estratégias adotadas pelas empreendedoras para gerenciar as dificuldades que foram pontuadas por elas no formulário, foram obtidas respostas relacionadas ao uso do espaço domiciliar como ambiente de trabalho e a flexibilização de tempo. Assim como é possível visualizar no Gráfico 6.

Gráfico 6 – Estratégias para Gerenciar as Dificuldades



Fonte: resultados da pesquisa (2021).

Ante ao fato de que a maior parte das empreendedoras que participaram do estudo são casadas e possuem filhos, é um fato de reconhecimento geral que as mulheres que têm filhos precisam de uma rede de apoio para exercer todos os papéis que são atribuídos a elas. Notou-se que muitas das estratégias para gerenciar as dificuldades são diretamente relacionadas a buscar essa rede de apoio, ainda que não consigam sair de casa.

Ter alguém para ajudar a cuidar dos filhos e o compartilhamento de trabalho da empresa com sócios e funcionários são estratégias adotadas para permitir essa rede. Ademais, ainda que não tenham filhos, o papel doméstico imposto às mulheres também contribui com a necessidade de aderir estratégias que permitam maior praticidade para a execução dos encargos domésticos concedidos pela sociedade patriarcal, como morar perto do trabalho ou até mesmo trabalhar de casa.

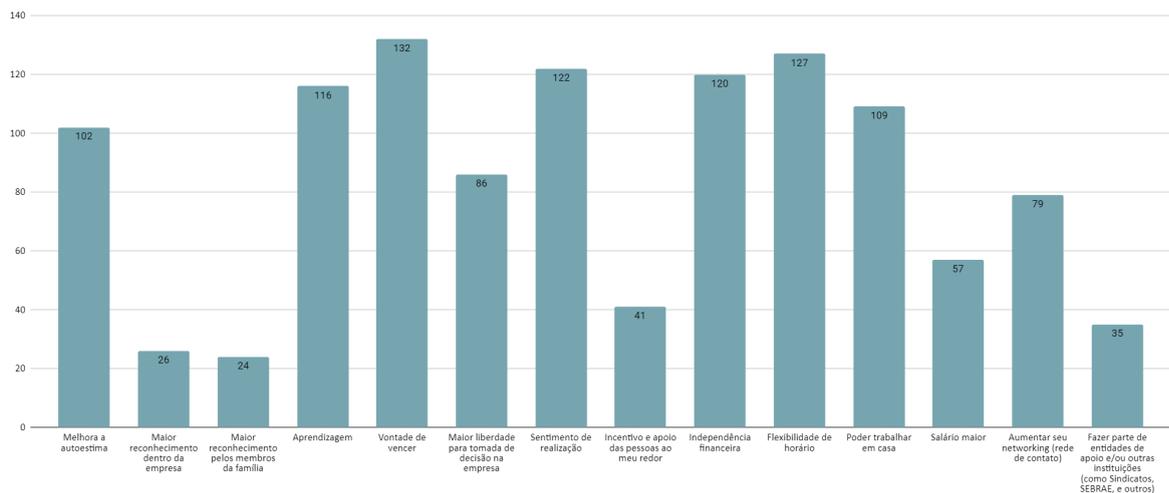
Em relação às motivações para seguir a trilha profissional do empreendedorismo, foi colocada uma questão para que as empreendedoras atribuíssem um grau de intensidade de 1 a 5 em possíveis motivações. Foram destaques por ganhar maior intensidade: a busca por flexibilização do tempo de trabalho, a necessidade de aumentar a renda familiar, possibilidade

de conciliar a rotina de trabalho e da família, independência financeira e maior autonomia. Enquanto itens como, influência familiar e de amigos, formação na área de atuação e experiência prévia no ramo empreendedor, foram atribuídos níveis de intensidade baixos.

Os dados vão de acordo com outras respostas que evidenciam a grande preocupação da mulher em praticar um ato laboral que permita que ela consiga conciliar com as suas atividades familiares. Tal fato permite constatar que o mercado de trabalho não vem se mostrando como um espaço acolhedor e propício para o desenvolvimento profissional das mulheres, uma vez que elas tendem a buscar alternativas que as permitam participar da rotina familiar. Para Julião, Dib e Oliveira (2021) a conjuntura social, política e econômica brasileira ainda é opressora e excludente, pois, apesar de ter tido uma evolução nas legislações, as mulheres tendem a ser menos remunerada e terem menos compreensão quando precisam conciliar seus outros papéis, como se fazerem presentes em reuniões de pais da escola, por exemplo.

Tratando-se das vantagens percebidas pelas mulheres sobre o empreendedorismo, foi perceptível que o reconhecimento como um indivíduo não inferiorizado pelo sexo masculino faz-se muito presente nos benefícios valorizados por elas. As respostas obtidas foram ordenadas no Gráfico 7.

Gráfico 7- Vantagens de Ser a Dona do Próprio Negócio



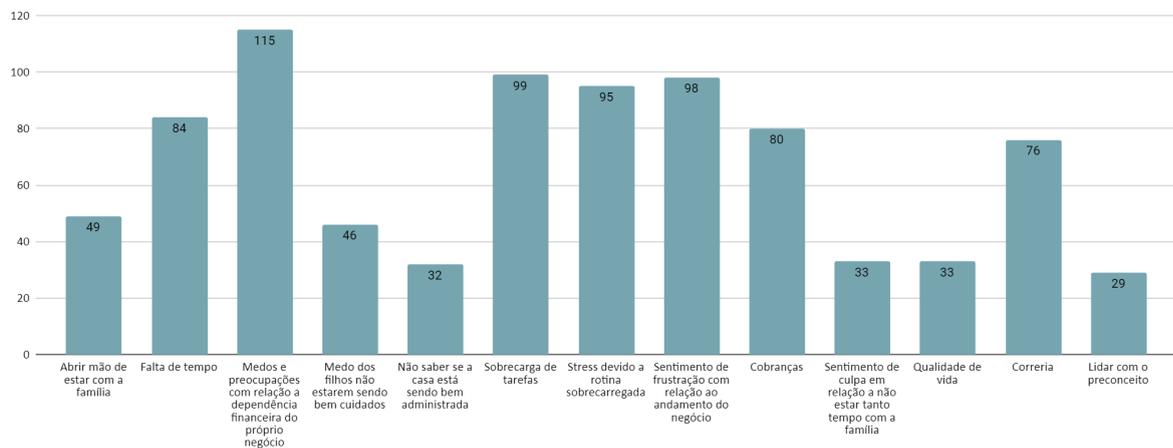
Fonte: resultados da pesquisa (2021).

Com base nas respostas obtidas, nota-se uma grande associação de fatores que envolvem satisfação individual e reconhecimento. Houve destaque para os itens: vontade de

vencer, independência financeira, sentimento de realização, aprendizagem e melhora da autoestima. A constatação vai ao encontro com premissas da literatura, como a de Rodrigues, Gaspar e Herlander (2021), que apontam que, além da obtenção de renda, muitas mulheres tem buscado o empreendedorismo para alcançar identificação pessoal e realização.

Por fim, as desvantagens apontadas pelas empreendedoras ressaltam as características de risco e incerteza que fazem parte do empreendedorismo. Ao se tratar de empreendedorismo feminino, os riscos podem ser ainda mais complicados porque carregam o preconceito atrelado à capacidade intelectual feminina. No Gráfico 8 foram apresentadas as respostas fornecidas pelas participantes.

Gráfico 8 – Desvantagens de ser a Dona do Próprio Negócio



Fonte: resultados da pesquisa (2021)

Além do preconceito e receio com o fato de não lidar com renda fixa nesse modelo de negócio, cabe destacar as respostas relacionadas com preocupações referentes à cobrança pessoal, sobrecarga de tarefas, medo dos filhos não estarem sendo bem cuidados e medo da casa não estar sendo bem administrada. Ainda que muitas das desvantagens apontadas sejam convencionais para empreendedores por conta das características do modelo de negócio que estão inseridos, cabe reiterar a presença de desvantagens que são associadas ao perfil feminino. Sendo assim, faz-se perceptível que, por conta do papel social da mulher atribuído pela sociedade patriarcal, até hoje as mulheres lidam com mais pressões, sobrecarga e cobranças.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o objetivo determinado para o trabalho que era de estudar as mulheres participantes do Grupo Moeda de Troca, conseguiu-se com o estudo atender ao objetivo, pois foi identificado as principais características, motivações e desafios de mulheres desse grupo que optaram por embarcar em uma jornada empreendedora. O grupo foi escolhido por conveniência, já que engloba milhares de mulheres empreendedoras de Uberlândia - MG, o que facilitou a coleta de dados.

As decisões metodológicas do trabalho evidenciaram dados que refletem a realidade de muitas mulheres nos tempos hodiernos. Para explicitar essa realidade, foi preciso considerar espaços que vão além do dedicado à vida profissional, mas que envolvem a sua participação no dia a dia. Notou-se, principalmente, que a concessão de papéis pela sociedade não permite que a pauta de empreendedorismo feminino se concentre na vida profissional da mulher, uma vez que as responsabilidades domésticas e maternas interferem diretamente na sua rotina de trabalho.

Ainda que homens tenham que lidar com obrigações do lar e de cuidado dos filhos, a literatura analisada aponta que não é da mesma forma. Mesmo com a equiparação legislativa, aspectos culturais manifestados por meio de práticas sociais fazem com que a mulher tenha mais responsabilidades com a família, mais obrigações com os cuidados com a casa e menos voz em espaços profissionais. O estudo evidenciou que a atividade empreendedora, ainda que inundada por riscos e desafios, permite que a mulher tenha mais autonomia e liberdade para se desenvolver.

Constatou-se que a maior parte das empreendedoras do grupo Moeda de Troca buscaram o empreendedorismo como alternativa viável para obtenção de maior independência financeira e flexibilidade de horários. Um percentual majoritário também mostra que muitas possuem níveis de escolaridade além do básico, incluindo pós graduação. Tal dado deixa indícios de que o maior acesso à educação pelas mulheres ainda não garante igualdade no mercado de trabalho, fazendo com que elas busquem alternativas que permitam ter maior liberdade, renda e satisfação profissional.

Pontuou-se dificuldades associadas à sobrecarga de tarefas, à falta de apoio, ao preconceito e ao medo de fracassar. Dentre as desvantagens do empreendedorismo, tiveram destaques itens como o stress da rotina intensa, a falta de tempo e o medo dos filhos não

estarem sendo bem cuidados. Isso evidencia aspectos que ultrapassam as particularidades do modelo de negócio, já que é relacionado com o gênero e com empecilhos motivados pela disparidade.

No entanto, as vantagens e estratégias para superar as dificuldades mostram que as empreendedoras têm ocupado um espaço de desenvolvimento profissional e pessoal propiciado pelo empreendedorismo. Houve destaque as respostas que envolvem a melhoria da auto estima, realização profissional, aprendizado e maior qualidade de vida, ocasionada pela possibilidade de flexibilização de horários na rotina.

Em suma, pode-se afirmar que o estudo reflete falhas de um sistema patriarcal que ainda prevalece e não irá desenraizar da sociedade de forma imediata. Trata-se de uma mudança cultural que precisa ocorrer em várias esferas da sociedade, tal como a econômica, social e educacional. Por isso, faz-se extremamente necessário que a desigualdade de gênero seja como compromisso socialmente compartilhado e como prioridade nas agendas de líderes governamentais.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, I. C; GOMES, A. F. Comportamento estratégico de mulheres empresárias: estudo baseado na tipologia de Miles e Snow. In: Encontro da ANPAD,35, Rio de Janeiro. 2011. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: ANPAD, 2011. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EOR3104.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2020.
- ANDRADE, S. R. de. “Eu sou uma pessoa de tremendo sucesso!”: trajetórias, identidades e representações de mulheres executivas. In: X Encontro Nacional de História Oral, Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. **Anais [...]**. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Recife, 2010. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/10378>. Acesso em: 20 jun. 2020.
- ARANTES, F. I. S. **A mulher desdobrável: a articulação entre as esferas pública e privada**. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Pontifícia Universidade Católica (PUC), Belo Horizonte, 2010. Disponível em: http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Psicologia_ArantesFI_1.pdf. Acesso em: 10 mai. 2016.
- BASEGGIO, J. K.; SILVA, L. F. M. da. As condições femininas no Brasil Colonial. **Rev. Maiêutica**, Indaial, v. 3, n. 1, p. 19-30, 2015. Disponível em: https://publicacao.uniasselvi.com.br/index.php/HID_EaD/article/download/1379/528. Acesso em: 20 out. 2019.
- BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. **Rev. Em Tese**, Santa Catarina, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027>. Acesso em: 10 jul. 2021.
- BURNS, E. M. N. **História da Civilização Ocidental**. 21 ed. Porto Alegre: Globo, 1977.
- BUTTNER, E. H.; MOORE, D. P. Women’s organizational exodus to entrepreneurship: self-reported motivations. **Journal of Small Business Management**, New York, v. 35, n.1 1997.
- CACCIAMALI, M. C. A influência da raça e do gênero nas oportunidades de obtenção de renda - uma análise da discriminação em mercados de trabalho distintos. **Estud. Economia**, São Paulo, v. 35, n. 4, p. 1-23, 2005. <https://doi.org/10.1590/S0101-41612005000400007>
- CAMPOBIANO, L. Tratamento da Mulher no Código Civil de 1916 e no de 2002. **JusBrasil**, São Paulo, v.3, n. especial, 2015. Disponível em: <https://lecampobiano24.jusbrasil.com.br/artigos/339145700/tratamento-da-mulher-no-codigo-civil-de-1916-e-no-de-2002>. Acesso em: 20 de maio de 2020.
- CANEZIN, C. C. A mulher e o casamento: da submissão à emancipação. **Ver. Jurídica Cesumar**, Londrina, v. 4, n. 1, 2004. Disponível em <https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/revjuridica/article/view/368/431>. Acesso em: 21 nov. 2019.
- CASTRO, M. **Empreendedorismo criativo**. Recife: Portifólio, 2014.

DENORA, E. M.; MACHADO, E. D. Direitos das mulheres como inclusão social de minorias a partir da teoria geral dos direitos fundamentais. **Rev. da Faculdade de Direito do Sul de Minas**, Pouso Alegre, v. 33, n. 2: 119-134, jun./dez. 2017. Disponível em: <https://www.fdsu.edu.br/adm/artigos/d3eed56bf46db41e7e859cd8bff5cac2.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2021.

FERNANDES, K. A. D. Empreendedorismo feminino: análise de perfil de mulheres empreendedoras no Brasil. **Rev. Cosmopolita em Ação**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 1-11, 2019.

FREITAG, R. M. K. Amostras sociolinguísticas: probabilísticas ou por conveniência? **Estudos da Linguagem**, [S.l.], v. 26, n. 2, p. 667-686, 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/12412>. Acesso em: 15 jun. 2021. <https://doi.org/10.17851/2237-2083.26.2.667-686>

GITAHY, R. R. C.; MATOS, M. L. A evolução dos direitos da mulher. **Colloquium Humanarum**, Presidente Prudente, v. 4, n. 1, p. 74-90, 2008. <https://doi.org/10.5747/ch.2007.v04.n1/h037>

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR – GEM. **Relatório de 2014 sobre o Empreendedorismo no Brasil**. Brasília: SEBRAE, 2014. Disponível em: https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Estudos%20e%20Pesquisas/gem%202014_rel%C3%B3rio%20executivo.pdf. Acesso em: 05 jul. 2019.

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR – GEM. **Relatório de 2017 sobre o Empreendedorismo no Brasil**. Brasília: SEBRAE, 2017. Disponível em: https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/Relat%C3%B3rio%20Executivo%20BRASIL_web.pdf. Acesso em: 29 set. 2019.

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR – GEM. **Relatório de 2019 sobre o Empreendedorismo no Brasil**. Brasília: SEBRAE; IBQP, 2019. Disponível em: <https://ibqp.org.br/PDF%20GEM/Relat%C3%B3rio%20Executivo%20Empreendedorismo%20no%20Brasil%202019.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2020.

HISRICH, R. D; PETERS, M. P; SHEPHERD, D. A. **Empreendedorismo**. Tradução Teresa Felix de Souza. 7ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.

JULIÃO, H. V.; DUTRA, N. H. Divisão sexual do trabalho: para além do gênero e do patriarcado. **Temporalis**, Brasília, v. 20, n. 40, p. 201-214, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/31523>. Acesso em: 03 fev. 2021.

JULIÃO, H. V.; DIB, A. M.; OLIVEIRA, L. T. Desigualdade de gênero no mercado de trabalho e as formas de enfrentamento alicerçadas na OIT. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.7, n.3, p. 24482-24499, 2021. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/26114/20711>. Acesso em: 07 jun. 2021. <https://doi.org/10.34117/bjdv7n3-245>

MACHADO, F. B. Dilemas de Mulheres Empreendedoras em Empresas Inovadoras Nascentes. In: Encontro da ANPAD. 36, Rio de Janeiro, 2012. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: ANPAD, 2012. Disponível em: http://www.anpad.org.br/diversos/down_zips/63/2012_GCT1184.pdf. Acesso em: 18 set. 2020.

MACHADO, H. V.; ST-CYR, L.; MIONE, A.; ALVES, M. C. M. O processo de criação de empresas por mulheres. **Rev. Organizações (RAE eletrônica)**, v. 2 · n. 2, 2003. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1676-56482003000200007&script=sci_abstract&lng=pt. Acesso em: 18 fev. 2021. <https://doi.org/10.1590/S1676-56482003000200007>

MATOS, M. I. S. Âncora de emoções: corpos, subjetividades e sensibilidades. Bauru: Edusc, 2005.

MENEZES, M. S. LGBT e o mercado de trabalho: uma trajetória de preconceito e discriminações. **Conquer – Conferência Internacional de Estudos Queer**, 2018. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/40228>. Acesso em: dez. 2020

MICOZZI, A.; LUCARELLI, C. Heterogeneity in entrepreneurial intent: the role of gender across countries. **International Journal of Gender and Entrepreneurship**, v.8, n.2, p.173-194, 2016. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/IJGE-06-2015-0021/full/html>. Acesso em: 20 jun. 2020. <https://doi.org/10.1108/IJGE-06-2015-0021>

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MIRANDA, M. G. G. P. **O Estatuto da Mulher Casada de 1962**. 2013. 50 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/90299/000914587.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 02 abr. 2020.

MOEDA DE TROCA. **Quem somos**. 2022. Disponível em: <https://www.clubemoedadetroca.com.br/quemsomos/>. Acesso em: 03 nov. 2021.

LANDSTRÖM, H.; HARIRCHI, G.; ASTRÖM, F. Entrepreneurship: exploring the knowledge base. **Research Policy**, Amsterdam, v. 41. p. 1154-1181, 2012. Disponível em: <https://econpapers.repec.org/RePEc:eee:respol:v:41:y:2012:i:7:p:1154-1181>. Acesso em: 26 ago. 2019. <https://doi.org/10.1016/j.respol.2012.03.009>

LOPES, C. M. S. Direito do trabalho da mulher: da proteção à promoção. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 26, p. 405-430, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010483332006000100016&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 03 abr. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332006000100016>

PINTO, C. R. J. Feminismo história e poder. **Rev. de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/31624>. Acesso em: 20 dez. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0104-44782010000200003>

RODRIGUES, A. S. M.; GASPAR, L. C. S.; HERLANDER, D. R. R. Fatores críticos relacionados ao empreendedorismo feminino. **Espacio Abierto**, Venezuela, v. 30, nº 1, 75-96, 2020.

SCHMIDT, S.; BOHNENBERGER, M. C. Perfil Empreendedor e Desempenho Organizacional Perfil Empreendedor e Desempenho Organizacional. **RAC**, Curitiba, v. 13, n. 3, p. 450-467, 2009. <https://doi.org/10.1590/S1415-65552009000300007>

STROBINO, M. R. C.; TEIXEIRA, R. M. Empreendedorismo Feminino e o Conflito Trabalho-Família: estudo de multicasos no setor da construção civil da cidade de Curitiba. **Rev. Administração**, USP, São Paulo, v. 49, n.1, p. 1-18, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rausp/a/rtJ73mSzCyQDcD4ZxBGGbjD/abstract/?lang=pt>. Acesso: 28 jun. 2020. <https://doi.org/10.5700/rausp1131>

OLIVEIRA, L. T.; DIB, A. M. Quebrando o "teto de vidro": a ascensão das mulheres no mercado de trabalho à luz das políticas e convenções da OIT. **Inclusiones**, Santiago, v. 8, n. especial, p. 15-35, 2020. Disponível em: <https://revistainclusiones.org/index.php/inclu/article/view/1093>. Acesso em: 02 fev. 2021.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL TRABALHO (OIT). Global Wage Report 2018/19. What lies behind gender pay gaps. Geneva: ILO, 2019. Disponível em: https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/---publ/documents/publication/wcms_650553.pdf. Acesso em: 20 jun. 2021.

APÊNDICE A

Questionário Grupo Moeda de Troca

Perguntas Respostas 178 Configurações

Seção 1 de 5

Pesquisa Empreendedorismo Feminino

Esse questionário foi criado com o objetivo de coletar informações para o Trabalho de Conclusão de Curso de Administração, da Universidade Federal de Uberlândia.

É importante ressaltar que será preservado o anonimato de toda respondente, pois não se tem o objetivo de avaliar as respostas individuais, mas sim no conjunto, para compreender melhor o cenário do empreendedorismo feminino em Uberlândia, buscando identificar as principais dificuldades, motivações e vantagens e desvantagens de ser uma mulher empreendedora a partir de uma pesquisa no grupo Moeda de Troca.

Após a seção 1 Continuar para a próxima seção

Seção 2 de 5

Perfil

Essa seção tem o objetivo de compreender o perfil da mulher empreendedora que faz parte do grupo Moeda de Troca:

1) Faixa etária *

- Entre 18 a 25 anos
- Entre 26 a 35 anos
- Entre 36 a 45 anos
- Entre 46 a 55 anos

08/02/2022 15:53

Questionário Grupo Moeda de Troca - Formulários Google

2) Escolaridade *

- Nível Fundamental Incompleto
- Nível Fundamental Completo
- Nível Médio Incompleto
- Nível Médio Completo
- Nível Superior Incompleto
- Nível Superior Completo
- Pós-Graduação Incompleta
- Pós-Graduação Completa

3) Estado Civil *

- Solteira
- Casada
- Separada
- Divorciada
- Viúva
- Outros...

4) Quantos filhos possui? *

- Nenhum



08/02/2022 15:53

Questionário Grupo Moeda de Troca - Formulários Google

- 2
- 3
- 4 ou mais

5) Com qual idade você iniciou o negócio? *

- Entre 18 a 25 anos
- Entre 26 a 35 anos
- Entre 36 a 45 anos
- Entre 46 a 55 anos
- Entre 56 anos ou mais

6) Possui algum parente empreendedor? Se sim, quem? *

- Não possuo nenhum parente empreendedor
- Pai
- Mãe
- Irmão
- Parceiro(a)
- Tio(a)
- Primo(a)
- Avô(ó)
- Outros...



08/02/2022 15:53

Questionário Grupo Moeda de Troca - Formulários Google

7) A abertura do negócio foi algo **planejado**? *

- Sim
- Não

8) Se planejou abrir o seu negócio, como foi realizado esse planejamento? *

- Não se aplica
- Consulta de instituições de apoio (Ex: Sebrae)
- Desenvolveu um plano de negócios?
- Contratou uma consultoria
- Planejou juntamente com a família durante algum tempo
- Outros...

9) A abertura do negócio foi por **necessidade**? *

- Sim
- Não

10) Se o seu negócio foi aberto por **necessidade**, qual foi essa necessidade? *

- Não se aplica
- Você ficou desempregada
- Parceiro(a) ficou desempregado
- A empresa do(a) parceiro(a) foi a falência

Necessidade de ampliação de...



08/02/2022 15:53

Questionário Grupo Moeda de Troca - Formulários Google

11) A abertura do negócio foi por **oportunidade**? *

Sim

Não

Após a seção 2 Continuar para a próxima seção

Seção 3 de 5

Dificuldades

Essa seção tem por objetivo identificar as principais dificuldades que as mulheres empreendedoras encontraram ao abrir/possuir um negócio e quais as principais estratégias que utilizam para gerenciar essas dificuldades.

Nas questões abaixo, pode-se marcar mais de uma opção de resposta caso você se identifique.

12) Quais foram as principais dificuldades de se **abrir** um negócio? *

Falta de acesso a investimentos, financiamento ou capital

Falta de conhecimento na área de gestão

Falta de um ensino superior

Falta de experiência no ramo

Vida familiar

O preconceito

Falta de planejamento

Outros...

13) Quais são as principais dificuldades de ser a **dona** do próprio negócio? *

- Tempo para cuidar de si mesma
- Cuidar das tarefas domésticas e da família sem prejudicar o negócio
- Preconceito
- Medo de fracassar
- Falta de recursos monetários
- Sobrecarga pessoal e profissional
- Falta de incentivo dos familiares
- Dificuldade maior de conquistar um cliente, por ser subestimada
- Críticas por ser uma mulher na liderança do negócio
- Consequências emocionais e físicas
- Sentimento de culpa quando não consegue conciliar todas as tarefas
- Outros...

14) Quais as estratégias adotadas por você para gerenciar essas dificuldades? *

- Trabalhar com a família
- Morar perto do trabalho
- Trabalhar em casa
- Flexibilizar o tempo de trabalho
- Ter alguém para cuidar dos filhos
- Levar os filhos para o trabalho



08/02/2022 15:53

Questionário Grupo Moeda de Troca - Formulários Google

 Delega funções importantes aos funcionários para não ficar sobrecarregada

 Outros...

Após a seção 3 Continuar para a próxima seção

Seção 4 de 5

Motivações



Essa seção tem por objetivo compreender o grau de importância das razões/motivações que levaram as mulheres empreendedoras a abrir um negócio.

Aqui vocês irão responder numa escala de 1 a 5, sendo 1 pouco relevante e 5 muito relevante.

15) O que levou você a empreender? *

	1	2	3	4	5
Influência fami...	<input type="radio"/>				
Experiência pr...	<input type="radio"/>				
Experiência an...	<input type="radio"/>				
Desejo de mud...	<input type="radio"/>				
Influência de a...	<input type="radio"/>				
Formação edu...	<input type="radio"/>				
Desejo de inde...	<input type="radio"/>				
Possibilidade ...	<input type="radio"/>				
Autoconfiança	<input type="radio"/>				



08/02/2022 15:53

Questionário Grupo Moeda de Troca - Formulários Google

Necessidade	<input type="radio"/>				
Oportunidade	<input type="radio"/>				
Autonomia	<input type="radio"/>				
Realização pe...	<input type="radio"/>				
Dificuldade de ...	<input type="radio"/>				
Possibilidade ...	<input type="radio"/>				
Aumento da re...	<input type="radio"/>				

Após a seção 4 Continuar para a próxima seção



Seção 5 de 5

Vantagens e Desvantagens ✕ ⋮

Essa seção tem por objetivo compreender as principais vantagens e desvantagens de ser dona de um negócio.

Pode-se marcar mais de uma opção de resposta, caso você se identifique.

16) Para você, quais são as **vantagens** de ser dona do próprio negócio? *

- Melhora a autoestima
- Maior reconhecimento dentro da empresa
- Maior reconhecimento pelos membros da família
- Aprendizagem
- Vontade de vencer

https://docs.google.com/forms/d/1jSJQ7gjQQwlc_HzS5BbMhv03tNs1-HZAVvgyt_VFegQ/edit?ts=60d8f83a

8/10

08/02/2022 15:53

Questionário Grupo Moeda de Troca - Formulários Google

- Sentimento de realização
- Incentivo e apoio das pessoas ao meu redor
- Independência financeira
- Flexibilidade de horário
- Poder trabalhar em casa
- Salário maior
- Aumentar seu networking (rede de contato)
- Fazer parte de entidades de apoio e/ou outras instituições (como Sindicatos, SEBRAE, e outros)
- Outros...

17) Para você, quais são as **desvantagens** de ser dona do próprio negócio? *

- Abrir mão de estar com a família
- Falta de tempo
- Medos e preocupações com relação a dependência financeira do próprio negócio
- Medo dos filhos não estarem sendo bem cuidados
- Não saber se a casa está sendo bem administrada
- Sobrecarga de tarefas
- Stress devido a rotina sobrecarregada
- Sentimento de frustração com relação ao andamento do negócio
- Cobranças
- Sentimento de culpa em relação a não estar tanto tempo com a família



08/02/2022 15:53

Questionário Grupo Moeda de Troca - Formulários Google

- Correria
- Lidar com o preconceito
- Outros...

